

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E FESTAS
RELIGIOSAS EM MARTINÉSIA

RENATA RASTRELO E SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 10 (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M.G. - Brasil

COLEÇÃO
Correspondência
em 23 06/84
Rastrel

RENATA RASTRELO E SILVA

**MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E FESTAS
RELIGIOSAS EM MARTINÉSIA**

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
História, do Instituto de História
da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência
parcial para obtenção do título
de Bacharel em História, sob a
orientação da Profa. Dra. Dilma
Andrade de Paula.

Uberlândia, Junho de 2004

Silva, Renata Rastrelo e, 1982

Memórias, vivências e festas religiosas em Martinésia

Renata Rastrelo e Silva – Uberlândia, 2004

62 fls

Orientadora: Profª. Drª. Dilma Andrade de Paula

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras-chave: memórias, festas, Martinésia

RENATA RASTRELO E SILVA

MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E FESTAS
RELIGIOSAS EM MARTINÉSIA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dilma Andrade de Paula - Orientadora

Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Profa. Dra. Célia Rocha Calvo

A Hélio Carlos, meu grande
companheiro em todos os
momentos.

AGRADECIMENTOS

À Dilma Andrade de Paula, orientadora dessa pesquisa, que com grande prontidão e intensa colaboração sempre me recebeu, procurando nortear os caminhos desse trabalho.

Às professoras Beatriz Ribeiro Soares e Célia Rocha Calvo por aceitarem prontamente participar da Banca Examinadora.

A todos aqueles que foram entrevistados e que me receberam com todo respeito e vontade de colaborar.

À Gislaine Rocha Félix, amiga e companheira de graduação com quem compartilhei todas as angústias e alegrias ao longo do curso e da realização dessa pesquisa.

A Hélio Carlos pelo grande apoio na elaboração das fotografias, mapa e na realização do trabalho como um todo.

A todos do Museu do Índio que nesse último ano foram meus grandes companheiros e parceiros.

A meus pais pelo carinho.

“Porque lá é a minha terra natal,
lá é o meu berço é a minha casa, é tudo pra mim”.
Leda Márcia Pacheco

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – MARTINÉSIA E A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA.....	16
1. A História Local.....	17
2. Os Contrastes.....	19
3. Sociedade em Transformação.....	22
4. Saúde.....	27
5. A Origem da Devoção a São João Batista.....	28
5.1 – Dimensão Religiosa da Festa de São João Batista.....	30
5.2 – Os Elementos que Compõem a Festa.....	30
5.2.1 – A Novena.....	30
5.2.2 – O Dia 23 de Junho.....	32
5.2.3 – A procissão.....	34
6. A Festa de São João Batista e seus Significados.....	35
CAPÍTULO II – DIFERENTES FESTAS DE SANTOS REIS.....	38
1. A Diversidade dos Festejos de Santos Reis.....	38
2. As Festas de Santos Reis em Martinésia.....	43
2.1 – Os Preparativos.....	44
2.2 – Os Festeiros.....	44
2.3 – A “Saída” da Folia.....	45
2.4 – O Dia da Festa.....	48
2.5 – A Folia.....	50
3. Os Múltiplos Significados da Festa.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
FONTES UTILIZADAS.....	60
ANEXO.....	62

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01 – Localização da Cidade de Uberlândia

Mapa 02 – Mapa de Distritos

Mapa 03 – Levantamento do Distrito de Martinésia – 2004

Tabela 01 – População dos Distritos

Tabela 02 – Censo Habitacional

Figura 01 – Moradia na entrada do distrito de Martinésia

Figura 02 – Moradia construída recentemente no distrito de Martinésia

Figura 03 – Inauguração do galpão da escola

Figura 04 – Parte interna do salão ao lado da igreja no qual é realizada a festa de São João Batista

Figura 05 - Procissão de São João Batista

Figura 06 - Procissão de São João Batista realizada em 1926

Figura 07 – A folia sai em direção ao presépio

Figura 08 – Chegada da folia ao presépio

Figura 09 – A comida sendo servida

Figura 10 – Bar na parte interna do ginásio

RESUMO

O grande motivador da realização dessa pesquisa foi meu convívio, nos finais de semana e nas festas de Santos Reis e de São João, no distrito de Martinésia. Sendo assim, essas duas festas são o centro de análise, logo, o objetivo central é compreender o significado que as pessoas desse distrito e também as que se deslocam de Uberlândia para participar dessas festas atribuem a elas, levando em conta outras questões que estão intrinsecamente ligadas a elas, ou seja, as formas de viver das pessoas do distrito e a importância dele para antigos e atuais moradores. Desse modo, as questões norteadoras da pesquisa são: Qual o sentido que as festas de São João e Santos Reis tiveram e têm para as pessoas? Quais são historicamente as formas de vivenciá-las? Quais são as motivações que levam as pessoas a delas participar? O período analisado compreender a década de 1980 até 2004, período no qual começam a se processar algumas mudanças significativas nos espaços e nas formas de realizar essas festas. Tais festas são aqui entendidas como inerentes à vivência das pessoas, tradições dinâmicas que por mais que aconteçam a muito no distrito se modificam ao longo do tempo e mais, as pessoas que participam delas o fazem de formas diferenciadas, de acordo com seus referenciais e valores próprios.

APRESENTAÇÃO

Nunca se pode acreditar que na escrita da história a subjetividade esteja ausente, na medida em que ela é presença certa no trabalho do historiador, pois é a partir dela que ele escolhe o seu tema de pesquisa, a sua problemática de análise, as suas fontes, as suas interrogações e, nesse sentido, pode-se dizer que a experiência do historiador é o fio condutor da forma como ele vai abordar o seu objeto de pesquisa. É, desse modo, a partir de minha experiência de convívio no distrito de Martinésia que me proponho a estudá-lo.

Minha avó materna, Teresa Biasi Rastrelo, vinda da Itália, foi para Martinésia, até então Martinópolis, no ano de 1934. Ali ela se casou com um descendente de italianos e tiveram oito filhos. Minha mãe, a mais nova desses filhos, cresceu em Martinésia, vindo para Uberlândia por volta de 1975 a fim de estudar, uma vez que lá só havia escola até a 8ª série do então ginásio. Mesmo depois de já morar em Uberlândia ela sempre ia a Martinésia e depois de se casar e ter filhos não foi diferente. Logo, passei a minha infância e adolescência indo a esse distrito nos finais de semana e também participando das festas de São João e Santos Reis, bem como dos campeonatos rurais de futebol.

Então, como já foi antes mencionado, o que me levou a estudar o distrito de Martinésia foi a vivência que nele tive, sendo que o enfoque de análise dessa pesquisa são as festas religiosas de Santos Reis e de São João que nele ocorrem.

Desse modo, algumas questões se colocam para serem investigadas e nortear esse trabalho: quais são historicamente as formas de vivenciar essas festas? Qual é o sentido que elas tiveram e têm para as pessoas que delas participam? Qual é o sentido religioso que essas festas têm para as pessoas? Quais são as motivações que levam as pessoas a participar?

Nesse sentido, para se pensar tais questões, algumas fontes foram utilizadas, tais como uma pasta com o histórico do distrito e a lei de sua regulamentação, jornal, revistas, fotografias e, principalmente entrevistas orais,

na medida em que o objetivo central do trabalho é investigar os significados das festas para os sujeitos históricos, fez-se necessário ouvi-los, a fim de que eles pudessem falar de suas diferentes vivências e experiências, pois não se pode pensar que essas festas tenham um significado único para as diversas pessoas que delas participam, tendo em vista que cada um as vivencia a seu modo, de acordo com seus próprios valores e referenciais.

Foram realizadas onze entrevistas, entre atuais e antigos moradores do distrito de Martinésia, folião, festeiros e pessoas que moram em Uberlândia e participam das festas de Santos Reis e São João e um padre. Além dessas entrevistas também foram realizadas conversas informais com moradores e pessoas que de alguma forma puderam contribuir para o enriquecimento da pesquisa. Permeando o trabalho como um todo estão relatos de moradores do distrito, participantes das festas que ao longo de minha convivência nesse lugar pude ouvir em conversas entre amigos, entre familiares.

As fotografias aqui presentes foram utilizadas no sentido de “tornar o assunto visível” (BARBOSA, 2004, p.95), como argumenta Marta E. J. Barbosa. Segundo ela, (...)“ com as fotografias novos componentes entram em ação: a narrativa pelas imagens, a experiência de olhar e ler não só pelas palavras escritas, mas pela composição de imagens escolhidas” (BARBOSA, 2004, p.95). Sendo assim, o uso da fotografia nessa pesquisa tem o objetivo de dar materialidade, visibilidade ao que está sendo dito.

Como contribuição teórica foi de fundamental importância nesse trabalho o conceito de experiência formulado por Thompson. Esse autor, no livro, *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*, mostra como a teoria é importante para se fazer um trabalho, porém, ela jamais deve estar sozinha, mas sim acompanhada de uma investigação da experiência dos sujeitos históricos:

(...) se voltarmos à experiência podemos passar desse ponto, novamente para uma exploração aberta do mundo e de nós mesmos. Essa exploração faz exigências de igual rigor teórico, mas dentro do diálogo entre a conceptualização e a confrontação empírica (...).
(THOMPSON, 1981, p.185).

Para Thompson, a experiência não é experimentada pelos sujeitos apenas no campo das idéias, mas também como sentimentos, os quais estão presentes, segundo ele, na cultura, como normas e valores (THOMPSON, 1981, p.185). E, nesse sentido, a contribuição desse autor é fundamental, a fim de que se possa analisar e compreender as experiências dos sujeitos históricos no que diz respeito não só às festas de São João e Santos Reis, mas num sentido mais amplo de compreender os valores, os referenciais dessas pessoas no seu dia-a-dia enquanto sujeitos da história, ou seja, não meros expectadores, mas fazedores da história.

Outra contribuição teórica importante é a de Raphael Samuel quando esse discute a história local e a história oral. A partir de suas reflexões pode-se entender que a história oral não é uma fonte em si mesma, mas ela torna possível discutir as relações que as pessoas têm com sua memória, com seu passado. A leitura desse autor permite ainda dizer que a história oral deve ser tratada como um problema de análise e não como uma realidade pura à qual não se pode fazer nenhuma crítica. A história oral é, então, uma fonte com interrogações próprias e não se pode super valorizá-la nem tão pouco julgá-la insignificante.

Assim, a história oral não pode ser tratada como recomposição fiel do passado, pois, como o documento escrito é passível de crítica, de reflexões para que se possa dar significado ao que está sendo dito, pois a memória é a todo tempo reelaborada e é seletiva, ou seja, o entrevistado visita o passado de forma intencional, selecionando o que vai dizer, e é aí que se torna importante a sua indagação.

Raphael Samuel acredita que a cidade, vila, ou seja, os lugares devem ser vistos como uma fonte, pois eles estão carregados de experiências que foram vividas pelas pessoas nos coretos, bancos de praça, campos de futebol, igrejas, etc. Segundo ele, a história local

(...) dá ao pesquisador uma idéia mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (SAMUEL, set89/fev90, p.220).

As argumentações de Samuel são úteis, na medida em que permite indagar os significados, as experiências dos sujeitos nesse lugar que é o distrito, atentando ao fato de que esses lugares evocam momentos vividos que podem dizer muito sobre o passado.

A investigação histórica é, portanto, uma busca da compreensão de um passado que o historiador não viveu e, para isso, ele deve se utilizar de pistas que o levarão à compreensão desse passado. Tal argumentação está presente na obra de Carlo Ginzburg, um historiador italiano que analisou o “método indiciário” se baseando nos procedimentos de um perito de arte que, para atribuir a autoria à obra, partia da observação de detalhes aparentemente insignificantes. O trabalho de se escrever a história é mais ou menos como esse trabalho do perito, ou seja, ir buscar os detalhes, aquilo que talvez seja sem significado algum, mas que se olhado atentamente tem muito a dizer sobre a experiência dos sujeitos históricos.

Os trabalhos de Déa Riberiro Fenelón e de Mônica Pimenta Velloso também são importantes para essa pesquisa. Segundo Fenelón, foi nas décadas de 1950 e 1960 que (...)“o nacional e o popular surgem como proposta de construção da cultura” (FENELON, Jan/Jun 1992, p. 20). É nesse momento que tanto os intelectuais da Academia Brasileira de Letras, quanto os do ISEB (Instituto Superior de estudos Brasileiros) identificam no povo a (...)“a fonte inspiradora da nação” (VELLOSO, 1991, p.133). Como argumenta Velloso, o popular é considerado a (...)“matriz da nacionalidade brasileira, uma espécie de espelho capaz de decifrar e/ou refletir a sua imagem”. (VELLOSO, 1991, p.132).

Nesse sentido, o campo do folclore é considerado pelos intelectuais da Associação Brasileira de Letras como o campo capaz de

(...)construir um discurso sobre o povo e a nação. Mais do que isso: o folclore permite a própria redenção do povo. Ameaçado pelos avanços tecnológicos da modernidade, o saber popular só encontra refúgio e proteção nos museus folclóricos. (VELLOSO, 1991, p.134).

A cultura popular é, então, entendida como um tipo de documento capaz de falar sobre a nação, logo, é transformada em peça de museu, algo mágico e

curioso que deve ser mostrado a todos. É por volta da década de 1950 que se organizam congressos sobre folclore, museus com exposições que teriam por função preservar a cultura popular (VELLOSO, 1991, p.135).

Os estudos sobre a cultura popular possuem algumas suposições que os prejudicam como, por exemplo, a noção de “primitivismo”, ou seja, dizer que as crenças, os costumes são transmitidos imutáveis ao longo do tempo, o que, segundo Déa R. Fenelon, é uma (...)“suposição bastante equivocada” (FENELON, Jan/Jun 1992, p.20). É justamente essa a argumentação central dessa pesquisa, ou seja, que as tradições das festas de São João e Santos Reis em Martinésia, apesar de existirem há muito no distrito, sofreram e sofrem modificações ao longo do tempo.

Portanto, não se tem nesse trabalho uma visão folclorizada dessas festas, pois, como afirma Thompson, ter uma visão folclorizada institui uma maneira de pensar a cultura, os ritos, os símbolos como coisas do passado e essa visão é produzida por aqueles que descrevem a prática popular olhando de cima. Além disso, o folclore não explica uma prática, mas apenas a evidencia e expõe, tratando-a como algo exótico, curioso.

Portanto, as festas de Santos Reis e São João são aqui consideradas como partes da vida do povo, ou seja, como integrantes da cultura e cultura entendida como modos de vida, lembrando o que Thompson entende por esse conceito:

(...) não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 1998, p.22)

Para que se possa compreender um pouco da experiência dos sujeitos históricos do distrito de Martinésia essas contribuições teóricas são relevantes na medida em que possibilitam dar visibilidade ao que é dito pelos depoentes ou até mesmo aquilo que não é dito. Permite focalizar o espaço do distrito, ou seja, os detalhes das casas, da escola, dos lugares de lazer, da igreja e,

principalmente, da forma como esses lugares são vividos pelos sujeitos. Permite também que se preste atenção aos mínimos detalhes das festas, aos gestos dos participantes, aos ritos, enfim, a tudo o que diz respeito àqueles momentos.

Procurando, então, responder às questões levantadas e propor novas indagações é que os capítulos foram organizados da seguinte forma: no primeiro procurou-se mostrar ao leitor um pouco de como vivem os habitantes de Martinésia, mostrando como esse distrito se configura espacialmente, bem como aspectos econômicos, sociais, culturais, isto é, como essa sociedade se organiza, do que ela vive, a educação que suas crianças recebem, a saúde oferecida à população, a infra-estrutura, as relações de trabalho, de amizade, de parentesco, assim como as relações com a cidade de Uberlândia e, por fim, as festas de São João e sua relação com o surgimento do distrito, o seu significado religioso e o sentido que essa festa tem para as pessoas, os elementos dos quais ela se compõe como, por exemplo, os fogos, o leilão, a procissão, a fogueira.

Já o segundo capítulo, o qual trata da festa de Santos Reis, tem por objetivo analisar o sentido religioso desta festa, a participação e os sentidos dela para as pessoas, bem como os foliões, as músicas, a bandeira, os preparativos, os festeiros.

Portanto, pode-se dizer que o objetivo geral dessa pesquisa é compreender o significado que as pessoas do distrito de Martinésia e aquelas que se deslocam de Uberlândia para participar das festas de São João e Santos Reis atribuem a elas, sem se esquecer das outras questões que estão intimamente ligadas à festa, ou seja, as formas de viver das pessoas do distrito, a importância dele para seus antigos e atuais moradores, na medida em que as festas não são aqui entendidas como uma esfera à parte da vivência dessas pessoas, mas sim como integrantes de suas vidas e que têm significados, importâncias e formas de envolvimento diferenciadas.

Foi escolhido como período de estudo a década de 1980 até 2004 porque foi nesse momento que começaram a se processar algumas mudanças

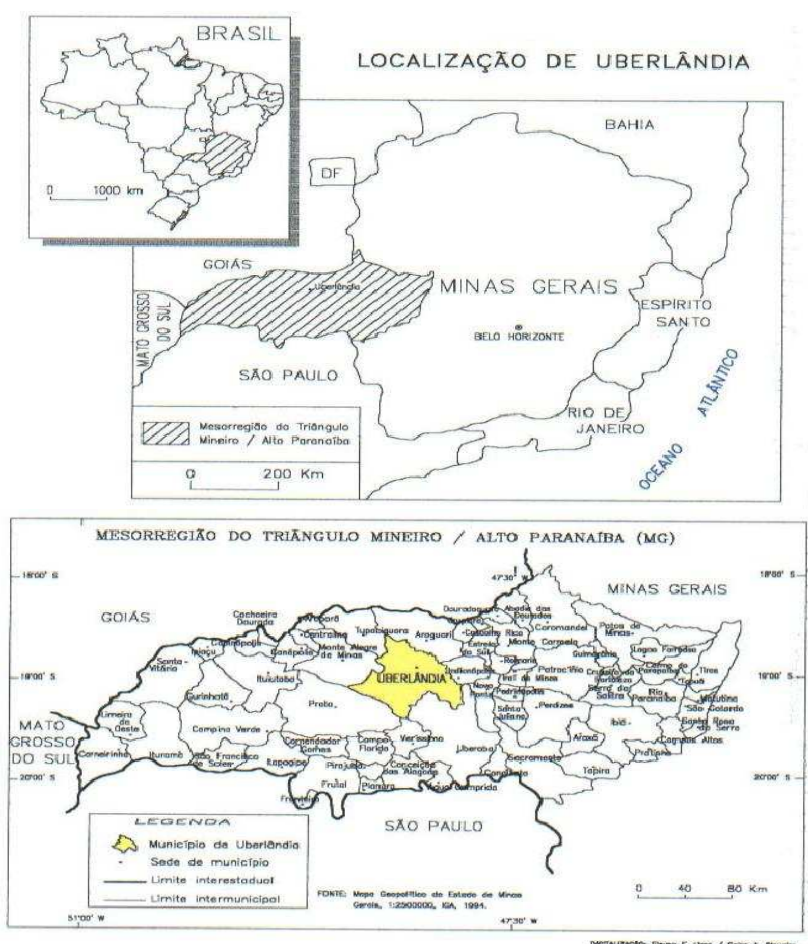
significativas nos espaços dessas festas e também nas formas de realizá-las, mudanças essas que aqui serão objeto de análise.

CAPÍTULO I – MARTINÉSIA E A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA

“a origem do distrito é religiosa”
Luzia Alves Borges

Uberlândia está localizada no nordeste do Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais (Ver Mapa 01). Segundo o BDI (Banco de Dados Integrados de Uberlândia) do ano de 2002, documento produzido pela SEDUR (Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano), o município de Uberlândia possui uma área total de 4.115,09 Km² e uma população que, segundo o censo de 2000, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), já chega aos 517.804 habitantes.

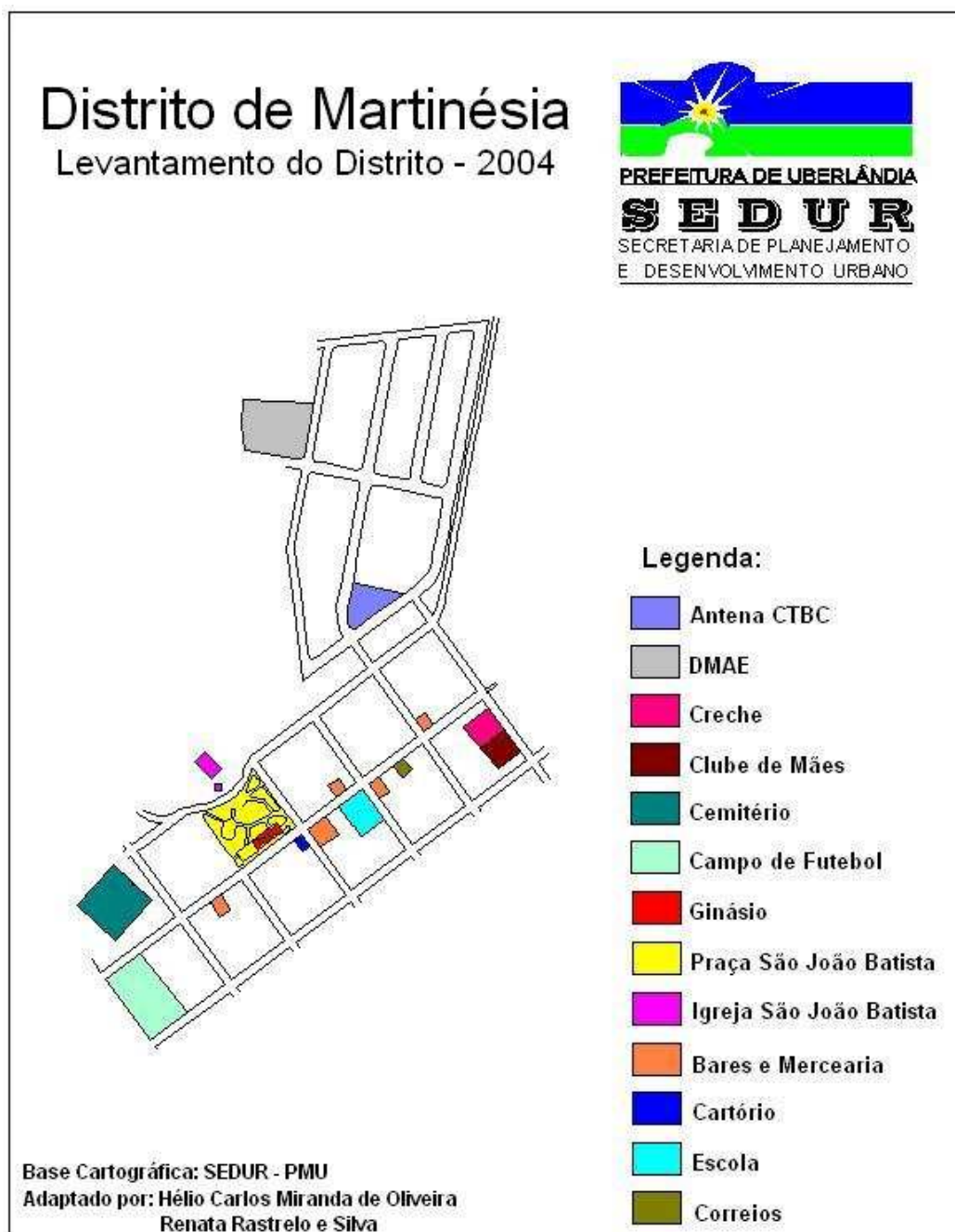
Mapa 01 – Localização da Cidade de Uberlândia



Fonte: FERREIRA, 2001.

história local é o fato das cidades se assemelharem. Porém, a cidade, nesse caso, o distrito, deve ser visto como uma fonte que está carregada de experiências que foram vividas pelas pessoas, ou seja, o distrito só existe porque as pessoas deram significado a ele e cada um dá um significado diferente para os coretos, as praças, as igrejas, os campos de futebol. Daí se faz necessário usar diferentes fontes para se compreender essas experiências.

Mapa 03 – Levantamento do Distrito de Martinésia - 2004



Fonte: PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. *Distrito de Martinésia*. 2004.

Todavia, aí se tem outro problema ao se trabalhar com a história local, que é a natureza dos documentos, na maioria das vezes, voltados para o governo local, segundo Samuel. Os censos, por exemplo, como lembra esse autor, são insatisfatórios, tendo em vista que pouco elucidam sobre a experiência e a vida das pessoas. Também os documentos de família são limitados, posto que na maioria das vezes são preservadas as negociações de grandes propriedades. Apesar das dificuldades e limitações são utilizados nessa pesquisa censos, dados quantitativos, porém, sempre com a preocupação de buscar em outras fontes as experiências dos sujeitos, o que foi possível, na maior parte, através da história oral.

Outra dificuldade ao se trabalhar com a história local é a própria noção que se tem dela, ou seja, ela é vista, segundo Samuel, como um “conjunto cultural”, isto é, como tendo suas leis, periodizações, enfim seu ciclo de vida próprio, o que cria essa idéia de “comunidade”, a qual alude à noção de homogeneidade e serve para rechaçar os conflitos, cabe aqui, no entanto, explorar esses conflitos aos quais se quer esconder, sejam eles familiares, sociais, políticos, econômicos ou outro qualquer.

2. Os Contrastes

O distrito de Martinésia, segundo dados do IBGE, no censo de 2000, possui 871 habitantes, sendo 330 da área urbana e 541 da área rural. Martinésia é o distrito de Uberlândia com menor número de habitantes (Ver tabela 01).

Tabela 01 - POPULAÇÃO DOS DISTRITOS

DISTRITO	POPULAÇÃO
Cruzeiro dos Peixotos	1.176
Martinésia	871
Miraporanga	4.985
Tapuirama	2.126

FONTE: Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano – SEDUR / Divisão de Planejamento Social/ Dados Populacionais – Zona Rural/Censo/2000.

Algo que chama a atenção é que, segundo dados do censo 2000, a maioria das pessoas responsáveis por domicílios, que vivem em Martinésia, têm um rendimento mensal que varia entre $\frac{3}{4}$ e 1 salário mínimo. Esse dado sinaliza para o fato de que Martinésia, ainda que num reduzido espaço físico, comporta desigualdades, pois lá também há pessoas que ganham mais de 30 salários mínimos. As diferenças já são visíveis se observarmos as casas da área urbana do distrito, a maioria são casas simples, construções antigas que datam das décadas de 1940, 1950, algumas até preservam na fachada o ano de sua construção, porém, lá também estão presentes construções mais recentes e mais “refinadas”, o que denota que essa não é uma sociedade homogênea. (Ver figuras 01 e 02)



Figura 01 – Moradia na entrada do distrito de Martinésia

Autor: Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Data: 2004



Figura 02 – Moradia construída recentemente no distrito de Martinésia

Autor: Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Data: 2004

Enquanto há pessoas com rendimentos baixíssimos, há grandes fazendeiros com rendas muito altas. Isso é visível nas festas ocorridas no

distrito. Na festa de São João de 2003, por exemplo, ao mesmo tempo em que havia fazendeiros arrematando prendas do leilão por até R\$300,00, havia também crianças recolhendo latas de refrigerante e cerveja.

A partir de um censo habitacional e populacional realizado pela SEMAD (Secretaria Municipal de Administração dos Distritos) em 2002 que teve por objetivo investigar a situação de moradia dos habitantes da área urbana dos distritos pôde se constatar que a maioria dos moradores de Martinésia possui casas próprias, as quais somam um total de 106 moradias; somam 09 o total de casas alugadas; 16 residências são cedidas ou emprestadas. No entanto, é curioso o fato de que a maioria dos imóveis, ou seja, 93 não ter escritura. A fim de obter dados mais detalhados acompanhe a Tabela 02:

Tabela 02 - CENSO HABITACIONAL

SITUAÇÃO	MARTINÉSIA
Casa própria	106
Alugada	09
Cedida/Emprestada	16
Auto Construção	01
Abandonada ou Fechada	01
Imóvel do Município	04
Imóveis com escritura	19
Imóveis sem escritura	93
Imóveis em inventário	07
Total de imóveis	137

Fonte: Secretaria Municipal de Administração dos Distritos - 2002

Autor: J. Alves

Em conversa informal com o funcionário da SEMAD responsável pelo censo, ele afirma que grande parte das casas não têm escritura pelo fato de que na época de fundação do distrito, fazendeiros se reuniram e doaram parte de suas terras para a igreja, esta é que fazia a divisão de lotes às pessoas por

meio de cartas de aforamento. Desse modo, aqueles que passavam a ser donos dos lotes não providenciavam a legalização do imóvel e mais, alguns lotes foram invadidos. Então, quando ocorre um processo de negociação das casas o dono emite apenas recibo de compra e venda, permanecendo os imóveis sem escritura.

3. Sociedade em Transformação

Antigos e atuais moradores do distrito apontam em suas falas algo semelhante: em termos espaciais o distrito continua praticamente o mesmo ao longo do tempo, com poucas modificações como, por exemplo, a construção do ginásio poliesportivo¹, a reforma do campo de futebol com a construção de arquibancadas e vestiários, o loteamento², porém, esses mesmos depoentes apontam inúmeras modificações ocorridas nas formas de viver e de trabalhar nesses espaços.

A entrevista de José Geraldo Pacheco é bastante significativa porque ele aponta de uma forma muito perspicaz essas mudanças, as quais levaram à criação de expectativas, a ideais e sonhos diferentes do que os que se tinha na década de 1950, por exemplo:

Antigamente, eu me lembro bem que, por exemplo, aqui na família, era eu, meu pai e mais seis irmãs. Então, às vezes a gente comenta, fazendo uma comparação, que a gente não sabe como que as pessoas viviam, como que um pai conseguia criar (...) se plantava aí, uma área pequena, de uma maneira completamente diferente do que é hoje. Às vezes se preparava a terra, é, muitas vezes na enxada, no enxadão e às vezes era muito, assim, era até bom pra aqueles que tinham condição de preparar a terra com um arado de boi, coisa nesse sentido. Então plantava um arrozal aí tinha, assim, aquela esperança, aquela expectativa de o ano ser bom, pra vender algumas sacas de arroz no final do ano e com aquilo, eu não sei como que passava, guardava alguma coisa pra alimentação durante o ano, e, pra comprar lá a roupa pros seus filhos, pra sua família. Então, hoje eu não entendo muito bem,

¹ Em 1995 foi inaugurado, no distrito de Martinésia, o ginásio poliesportivo, o qual foi construído na praça São João Batista. Ele, muito mais do que um lugar para se praticar esportes, é também, como diz Dona Luzia Alves Borges, “um ponto de encontro”, pois é lá que as pessoas se reúnem nos fins de tarde, nos finais de semana, para praticar esportes e para beber, tendo em vista que dentro do ginásio funciona um bar. Não só os moradores de Martinésia utilizam a quadra como ponto de encontro e prática de esporte, pois para lá também vão moradores do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, bem como pessoas de Uberlândia.

² No ano de 1992, a Prefeitura de Uberlândia loteou uma área de 2000m² na entrada do distrito de Martinésia, no entanto, a área ainda permanece praticamente sem a construção de novas casas.

*que, às vezes, pra você viver hoje de lavoura, você tem que plantar grandes áreas, ainda assim, se você não tiver o apoio aí, de um financiamento por parte do governo, de banco, entendeu, é muito difícil. Então agora as coisas mudaram muito e, às vezes, assim, não sei é em razão dessa, da evolução que chegou e a gente vai também acompanhando, não tem como fugir disso, se não você fica, assim, completamente à margem da sociedade (...) hoje é muito difícil, antigamente talvez não, a maneira em que viviam, entendeu, talvez fosse até mais fácil, é, conduzir a família, alimentar a família, dentro daquela, do pouco que se tinha (...)*³.

Essa fala indica que apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, científico que a sociedade brasileira viveu nos últimos 50 anos, a vida parece estar mais difícil, pois antes se conseguia sustentar uma grande família com pequenas plantações em pequenos pedaços de terra, com comida simples, algumas roupas, hoje, porém, talvez em virtude da cultura de consumo em que se vive, as pessoas têm outras expectativas. Esse processo reflete parte das mudanças ocorridas mundialmente. Após a Segunda Guerra Mundial o capitalismo se redefine passando por um processo de mundialização;

tais processos provocaram uma revolução na vida de diferentes nações, pois, ao se dissolverem-se as fronteiras, o capital mundializou mercadorias, pessoas, idéias, recriou formas de vida, de trabalho, de ser e de pensar tanto no âmbito local, regional, nacional quanto internacional. (CLEPS, 2002, p.185-186).

Esse processo de transformação levou, então, à criação de novas formas de comércio e também de consumo, principalmente, a partir das décadas de 1980 e 1990, o que cria também diferentes consumidores, os quais buscam cada vez mais a facilidade e a comodidade.

As pessoas passaram a consumir não apenas pelo valor de uso dos produtos, mas também pelo seu valor simbólico, ou seja, os produtos têm não apenas necessidades reais, mas também imaginárias que levam o consumidor a comprar em virtude dos valores simbólicos que o produto comunica. Como argumenta Mike Featherstone (FEATHERSTONE, 1995, P.135-177), a sociedade atual tem sido marcada por uma grande preocupação com a estética, ou seja, a preocupação com ela não está mais só no campo das artes,

³ Entrevista realizada com José Geraldo Pacheco, morador da zona rural do distrito de Martinésia, no dia 12 de outubro de 2003.

mas ultrapassou esse campo singularizado e a vida passou a ser regida por padrões estéticos, pela formação de estilos, de singularidades.

Se na década de 1950, por exemplo, os entrevistados relatam que a diversão das famílias era a visita entre os vizinhos, algumas festas, hoje, talvez em virtude da facilidade de acesso a Uberlândia, muitas vezes a diversão dos moradores de Martinésia está no shopping, nas churrascarias e pizzarias da cidade. Uma jovem de 14 anos, moradora do distrito de Martinésia, ao ser perguntada sobre sua diversão preferida, disse que um de seus passeios prediletos é no shopping, pois ela adora comprar: “Aí, sair e comprar (...) ir pro shopping”⁴.

Desse modo, o distrito de Martinésia não pode ser visto como um lugar isolado de tudo, na medida em que ele faz parte de um todo, ou seja, de um país, de um sistema, logo, ele não está à margem das mudanças ocorridas.

Talvez a proximidade com a cidade de Uberlândia seja um fator importante no que aqui está em questão, na medida em que não se pode interpretar Martinésia como campo e Uberlândia como cidade em termos de uma dicotomia, pois Martinésia “faz parte” de Uberlândia, ou seja, se relaciona de uma forma muito próxima com essa cidade à qual pertence, participando de sua vida, isto é, de suas dinâmicas, tendo em vista que muitas vezes o lazer, o local de compras e o local de trabalho está em Uberlândia.

O acesso a Uberlândia foi facilitado, em primeiro lugar, pela pavimentação da rodovia que dá acesso aos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, inaugurada em 1987 e que recebeu o nome de Rodovia Municipal Neuza Rezende. O acesso foi facilitado também, mais recentemente pela implantação do SIT (Sistema Integrado de Transporte) que possui uma linha de ônibus, a linha D280 – Martinésia/Cruzeiro dos Peixotos/Terminal Umuarama, a qual faz 05 viagens diárias nos dias úteis e aos sábados e 04 aos domingos e feriados.

⁴ Entrevista realizada com Sarita de Oliveira Pacheco, moradora da zona rural do distrito de Martinésia, no dia 12 de outubro de 2003.

Segundo relatos de moradores do distrito da Martinésia, a primeira corrida do ônibus que sai de Martinésia às 06 horas da manhã e também a última corrida que sai do Terminal Umuarama às 18 horas e 50 minutos, vão lotadas, uma vez que muitas pessoas moram nos distritos, mas trabalham ou estudam em Uberlândia, mesmo a escola do distrito já contando com o Ensino Médio.

O distrito de Martinésia possui uma escola construída no ano de 1920 e que recebeu o nome de Escola Estadual Cristiano Machado. A princípio a escola possuía o 1º, 2º e 3º ano do então ensino primário. A partir do ano de 1942 a escola passou à responsabilidade do município e passou a contar com o 4º ano primário e a se chamar Escola Municipal Iguaçu, tendo, porém, em 1952 voltado ao seu primeiro nome.

O ano de 1970 foi significativo para os moradores de Martinésia. Nesse ano, a ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), hoje EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Assistência Rural), junto com os professores e a comunidade, construiu através de algumas promoções e arrecadações um galpão que passaria a abrigar as crianças no recreio e seria o local de realização de festas e também reuniões da comunidade local (Ver figura 03).



Figura 03 – Inauguração do galpão da escola

Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, Ano XXXIV, 13 de outubro de 1970.

Autor: Foto Reis

Em 1972, a escola passou a contar com a 5ª a 8ª séries do ginásio, sendo um anexo da Escola Estadual Américo René Gianneti, de Uberlândia, e passou a se chamar Escola Estadual de Martinésia. Em 1994 foi implantado o 2º grau, hoje Ensino Médio, anexo à Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza e que funciona no período noturno na atual Escola Municipal Antonino Martins da Silva, que passou a ter esse nome em 2000.

O Ensino Médio é freqüentado não só por alunos desse distrito, mas também por alunos do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, da região de Sobradinho e das Chácaras Val Paraíso.

A Escola Municipal Antonino Martins da Silva possui 05 salas de aula, biblioteca, sala de informática, além de outras dependências e, atualmente, atende aos alunos do pré à 3ª série no turno da tarde e da 4ª à 8ª série no turno da manhã, além do Ensino Médio no período noturno. Os alunos contam ainda com o transporte escolar oferecido pela prefeitura da cidade.

A escola possui uma proposta pedagógica que é bastante interessante e diversificada, na medida em que, além de trabalhar os conteúdos em sala procura também utilizar as peculiaridades do distrito para promover o processo de ensino-aprendizagem como, por exemplo, a utilização da ornamentação da festa junina para ensinar geometria, e também o Projeto Ciência Cidadã desenvolvido junto aos alunos de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental cujo tema é “O uso de agrotóxicos na agricultura e sua interferência no solo, na água e na qualidade de vida da comunidade do Distrito de Martinésia”.

Com esse projeto os alunos têm a oportunidade de pesquisar sobre a interferência dos agrotóxicos em suas próprias vidas, tendo em vista que grande parte da população de Martinésia vive da agricultura, do plantio de hortaliças, as quais são comercializadas na Ceasa (Cooperativa Produtores Hortifrutigranjeiros Ltda) de Uberlândia.

4. Saúde

Em março de 1983 foi inaugurado em Martinésia o Posto de Saúde Martinésia, tendo 02 clínicos gerais, um ginecologista, um pediatra e um dentista.

O posto de saúde funciona 08 horas por dia tendo durante esse período uma auxiliar de enfermagem trabalhando. O distrito de Martinésia foi inserido a partir de novembro de 2003 no PSF (Programa Saúde da Família), no qual a equipe do programa visita os pacientes em suas próprias residências. A partir daí o médico, um clínico geral, passou a ir ao posto uma vez por semana. A equipe do PSF que atende aos distritos de Tapuirama, Cruzeiro dos Peixotos, Miraporanga e Martinésia é composta por 14 profissionais da saúde: um médico, um dentista, quatro auxiliares de enfermagem, seis agentes comunitários de saúde e um técnico em zoonoses.

O nome do posto de saúde foi mudado em setembro de 2000 passando a se chamar Posto de Saúde Omar Machado. Omar Machado foi um fazendeiro da região e a denominação do posto com seu nome foi motivo de descontentamento por parcela da população, assim como há descontentamentos com o atendimento médico prestado.

É perceptível a preocupação de alguns moradores do distrito de Martinésia em renomear os seus “lugares” colocando neles o nome de pessoas importantes para o distrito como é o caso da escola que tem o nome de um morador, que estudou naquela escola e nela foi professor. Outro caso é o das ruas que têm, em sua maioria, nomes de pessoas do distrito.

Isso pode ser entendido, pelo que se percebe nas falas de algumas pessoas, uma valorização do passado e da história, visto que em entrevistas com alguns deles e também com antigos moradores, esses demonstram ver em Martinésia um referencial, posto que ali nasceram e viveram e, além disso, se identificam com o lugar, suas leis e códigos.

Todavia, numa análise apressada poderia se dizer que as pessoas não se preocupam tanto assim com a história do distrito, pois não preservariam

documentos que registrassem a história oficial do distrito, seus políticos e homens importantes. Porém, isso não pode ser entendido como um descaso pelo seu passado, na medida em que as pessoas se reconhecem muito mais no seu próprio passado, na história de sua família do que nesse passado “oficial”, dos grandes nomes da história local, elas contam suas histórias pessoais com grande entusiasmo e procuram deixar claro seu amor por aquele lugar, mas sempre dando a ele o seu toque pessoal, ou seja, inserindo naquele lugar sua própria história de vida sem, no entanto, muitas vezes, desvalorizar a história desses grandes nomes.

Diante dessas argumentações pode-se perceber como a memória da origem do distrito está presente nos moradores de Martinésia, pois esta é uma história contada e recontada por eles e tem profunda relação com a devoção a São João Batista. Sendo assim, a festa de São João Batista acaba sendo algo que passa a fazer parte da vida daquelas pessoas, na medida em que ela tem para elas um significado de fé e também se torna uma ocasião de encontros entre moradores e entre esses e antigos moradores.

5. A Origem da Devoção a São João Batista

A partir de uma pasta existente no Arquivo Público de Uberlândia e de uma entrevista realizada com Dona Luzia Alves Borges – moradora do distrito de Martinésia desde que nasceu e que demonstra um grande interesse pela história do lugar de seu nascimento, fazendo entrevistas com antigos moradores dali, colecionando fotos – é que se pode contar um pouco da história da fundação desse distrito.

Dona Izabel Severino tendo seu filho acometido por uma pneumonia fez uma promessa a São João Batista para que o santo curasse seu filho, Joaquim Mariano da Silva. Este, após ter sido curado e para cumprir a promessa feita por sua mãe, colocou um cruzeiro no alto de uma colina.

Durante anos, os devotos de São João Batista se reuniram no dia 24 de junho, dia desse santo, para rezar o terço. Assim, surgiu a necessidade de se construir um barraco para abrigar as pessoas que para lá se deslocavam.

Então, esmolas eram coletadas, a fim de se construir esse barraco. Mais tarde fizeram uma capelinha e, para tanto, os moradores da antiga fazenda dos Martins (origem de Martinópolis) a cada ano sorteavam um festeiro, o qual deveria arrecadar esmolas para esse fim. Algum tempo depois a capela foi construída nas terras que pertenciam a Hipólito Martins.

A festa em louvor a São João Batista passou a ser realizada na capela e já contava com a presença do padre, o qual se dirigia àquela localidade para fazer as celebrações de batismo, casamento.

Conta Dona Luzia que certa vez, depois de terminada a festa de São João Batista, a capela caiu e todos ficaram preocupados com a imagem de São João Batista que estava lá dentro, pois todos tinham um grande apreço por ela. Porém, tirados os entulhos constatou-se que a imagem estava intacta e os devotos desse santo entenderam o acontecido como um segundo milagre dele.

Depois disso, em 1917, algumas pessoas se reuniram, dentre elas, Germano Ribeiro da Silva, João Paniagua Nunes, Eleotério Batista Pacheco, João Antônio de Faria e outras, liderados por Emereciano Cândido da Silva, conhecido como Capitãozinho, a fim de comprar o terreno para fazer o povoado. Fez-se, então, a planta localizando onde deveriam se abrir as ruas. No dia 30 de junho de 1918 o engenheiro J. da Costa Carvalho fez a demarcação da área.

A partir daí comerciantes foram se estabelecendo, as casas foram sendo construídas. Segundo Dona Luzia, nesse momento se instalaram na região duas olarias das quais provinha o material para a construção das casas.

Os donos dessas olarias doaram os tijolos para a construção da Igreja, erguida com a ajuda dos moradores daquela região. Assim aconteceu também com a escola, feita com a colaboração de diferentes pessoas.

Desta forma, o Distrito de Martinópolis foi criado em 27 de setembro de 1926 e instalado em 17 de maio do ano seguinte (Ver Anexo A). Por meio do decreto-lei nº1058 que data de 31 de dezembro de 1943 mudou-se o nome de Martinópolis para Martinésia.

5.1 – Dimensão Religiosa da Festa de São João Batista

Contar a história do distrito tem lugar aqui em virtude do objetivo desse capítulo que é tratar das festas de São João Batista, uma vez que elas se remetem à origem do distrito de Martinésia, ou seja, a devoção a esse santo nesse lugar é tão antiga quanto o próprio distrito.

Falar, então, das comemorações de São João Batista implica em falar primeiro de sua dimensão religiosa, na medida em que já no surgimento do distrito está presente uma promessa feita a São João Batista.

Segundo a Bíblia, São João Batista era primo de Jesus, filho de Isabel e Zacarias. Ele foi um precursor e anunciador da vinda de Jesus. Foi ele quem batizou Jesus nas águas do Rio Jordão e por ter condenado publicamente o adultério do Rei Herodes foi preso e colocado na fortaleza de Maqueronte tendo sido degolado a pedido da esposa desse rei.

Apesar de essa ser uma festa que está intimamente ligada à Igreja, sua dimensão religiosa não se esgota aí, na medida em que é muito forte a tradição popular que envolve São João e sua festa, tendo como um dos elementos principais as promessas feitas ao santo, que remontam desde a origem do distrito até os dias atuais e também ao batismo na fogueira, um batismo não reconhecido pela igreja como um sacramento, mas que no universo da tradição popular muito significa para as pessoas.

5.2 – Os Elementos que Compõem a Festa

As comemorações em louvor a São João Batista se compõem de diferentes elementos, dentre eles: a procissão, o leilão, a novena, a fogueira, os fogos.

5.2.1 – A Novena

Tradicionalmente, a novena de São João Batista tem início no dia 15 de junho encerrando-se no dia 23 desse mês. Durante esses dias os fiéis se reúnem para rezar o terço e participar das missas. Após a realização das rezas

os fiéis participam da quermesse, na qual eles comem, bebem, arrematam prendas nos leilões (Ver figura 04).



Figura 04 – Parte interna do salão ao lado da igreja no qual é realizada a festa de São João Batista

Autora: Renata Rastrelo e Silva

Data: Junho / 2003

Segundo relata Rosangela Rastrelo e Silva, desde sua infância as novenas eram acompanhadas assiduamente pelas famílias do distrito, a sua, por exemplo: (...)“a gente não tinha carro, ia todo dia, todo dia pra novena, a gente ia a pé, é, meu pai e nós, todo mundo ia todo dia, a gente ia, os nove dias a gente participava das novenas”⁵.

Ainda segundo essa depoente, os espaços da festa eram demarcados. Como a igreja está situada no alto de uma colina, aí no lugar mais alto e mais próximo à igreja ficavam as pessoas mais velhas e embaixo os mais jovens.

Ainda hoje se percebe uma certa demarcação dos espaços, pois como foi construído um salão ao lado da igreja, a quermesse é realizada no interior dele, enquanto que os mais jovens se reúnem no pátio da igreja para conversar, namorar.

Em todas as noites de novena são realizados os leilões. Leiloam-se desde doces, legumes, verduras, roupas, assados, até leitoas e bezerras. Neles há uma grande participação dos presentes dando lances com valores altos que não estão ao alcance de grande parte daqueles que estão presentes.

⁵ Entrevista realizada com Rosangela Rastrelo e Silva, antiga moradora do distrito, realizada no dia 07 de Agosto de 2003.

Os leilões antes eram realizados no coreto, no entanto, com a construção do salão eles são nele realizados, dando aos participantes um certo tom de comodidade, pois sentados eles comem, bebem e participam do leilão.

5.2.2 – O Dia 23 de Junho

Nesse dia é realizada a última novena. Ele é um dos pontos altos da festa de São João Batista. Inicia-se com a missa que é assistida por um grande número de fiéis. Depois os fiéis se dirigem ao salão que foi construído ao lado da Igreja, a fim de festejarem.

Nessa festa não estão presentes somente as típicas comidas e bebidas das festas juninas, como a pamonha, o milho cozido, o quentão, a canjica, pois se junta a esses elementos a cerveja, o refrigerante, os salgados, como pastéis e coxinhas, o churrasco.

Um dos momentos mais importantes dessa noite de festa é quando os fiéis se reúnem no interior da Igreja e, cantando o hino de São João Batista e carregando uma bandeira com a imagem do santo, se dirigem à parte externa da igreja. A bandeira é introduzida num grande mastro que com muita dificuldade e com a ajuda de muitos homens é erguido, ou melhor, “levanta-se o santo”, como é dito pelos participantes da festa, sobre gritos de “Viva São João!” e de uma tradicional queima de fogos.

Hino de São João Batista

São João glorioso
Bom amigo de Jesus
Desde a infância espalhastes
Das virtudes clara luz

Lá nos céus fulgurantes
Diadema vós cingis
E dos pobres e aflitos
Os soluços sempre ouvis

Glória nunca desta terra
Vossa alma procurou
Tão somente para Deus
Vosso peito suspirou

Ensinai-nos São João
 Ser humildes como vós
 Para Deus a honra e glória
 E o desprezo para nós

Nos combates desta vida
 Confiastes no Senhor
 Mil assaltos, mil pelejas
 Mas saístes vencedor

Avivai no nosso peito
 Da esperança o clarão
 Recebei no paraíso
 Nossa eterna gratidão

“Levantar o santo” significa reconhecer a grandiosidade do santo para aquelas pessoas, significa nas palavras do Padre Itamar de Almeida “reconhecer a santidade do próprio santo”⁶ e a importância que ele tem para os fiéis.

Após esse ritual é acesa a fogueira. Nesse momento, os fiéis se aproximam dela a fim de realizarem o batismo. Muitas pessoas batizam seus filhos pela devoção que têm ao santo, no entanto, existem aqueles que batizam simplesmente para manter a tradição e batizam mais por superstição do que necessariamente pela devoção.

Segundo o Padre Itamar de Almeida, a fogueira tem um sentido de purificação, pois ela estaria presente em toda a vida do povo de Deus:

A gente vai encontrar até mesmo no antigo testamento o símbolo da fogueira, que é um símbolo de purificação, de queima, o próprio profeta Isaías coloca com muita clareza pra gente que uma grande fogueira será erguida e que essa fogueira será acesa com os mantos embebidos em sangue, com as botas dos soldados, mostrando assim, que essa fogueira iria queimar toda a injustiça e que dali nasceria um novo povo, então, a fogueira tem o sinal de purificação e tem o sinal do Espírito de Deus, por isso o próprio João Batista vai dizer assim ‘eu batizo vocês com água, mas virá aquele que irá batizar vocês no Espírito de Deus e no fogo’ pra mostrar, assim, o sentido da purificação verdadeira, dessa transformação, dessa mudança de vida.⁷

⁶ Entrevista realizada com o Pe. Itamar de Almeida, pároco da Paróquia São Judas Tadeu, no dia 16 de Janeiro de 2004.

⁷ Entrevista realizada com o Pe. Itamar de Almeida.

No entanto, acredito que essas pessoas não batizam por esse motivo, acredito que elas batizam muito mais pela devoção ao santo, pela tradição, porque foram batizados e querem batizar também os seus filhos, ou até, como já dito, batizam por superstição, ou seja, para ter o filho protegido do fogo.

5.2.3 – A Procissão

No dia 24 de junho é realizada a festa de São João Batista. Nesse dia acontece a procissão, na qual as pessoas percorrem as ruas do distrito carregando os andores de São João, São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida, cantando e rezando. Isso acontece porque geralmente a festa não é somente festa de São João Batista, mas é também festa em louvor a São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida.



Figura 05 - Procissão de São João Batista
Autora: Renata Rastrelo e Silva
Data: Junho/2003

A figura número 06 nos apresenta uma procissão de São João Batista realizada em 1926, o que nos remete ao significado que a devoção ao santo sempre teve para o distrito de Martinésia, na medida em que pela imagem é possível ver como o fotógrafo procurou dar ênfase à quantidade de pessoas que acompanhavam a procissão e, conseqüentemente à importância que a devoção ao santo teria para aquelas pessoas.



Figura 06 - Procissão de São João Batista realizada em 1926
Foto pertencente ao acervo particular de Dona Luzia Alves Borges

É muito comum que as pessoas que carregam os andores na procissão o fazem por possuir votos aos respectivos santos carregados. Quando isso acontece, ou seja, quando alguém carrega um andor por voto, já aparece no próprio programa da festa, o qual é distribuído aos moradores do distrito, da região e de Uberlândia.

6 – A Festa de São João Batista e seus Significados

Embora a devoção a São João Batista esteja presente no distrito de Martinésia desde duas origens, não podemos dizer que a festa em louvor a esse santo aconteça da mesma forma que há 20 anos atrás, por exemplo.

Até espacialmente a festa se mostra diferente, pois o salão ao lado da igreja só foi construído recentemente através de promoções realizadas para esse fim, além da renda obtida nas festas. Os leilões que hoje são realizados dentro desse salão, antes eram realizados no coreto e as pessoas se reuniam em volta dele. Nota-se nas falas de algumas pessoas um certo saudosismo em relação àquela época, pois muitas dessas pessoas acreditam ser aquela a verdadeira festa de São João Batista.

Por outro lado, a construção desse salão foi uma conquista, pois foi feito com a arrecadação das festas, ou seja, com a colaboração de todos. Para muitos o leilão e os festejos em geral sendo realizados no interior do salão e as pessoas se reunindo lá dentro, a maioria sentadas, é sinal de conforto, na

medida em que o período das comemorações em homenagem a São João Batista coincide com o inverno.

Todavia, a existência do salão não exclui a aglomeração de pessoas no pátio da igreja, junto ao coreto, principalmente os jovens que aproveitam esse espaço para conversar e namorar.

Então, apesar de permanecer ao longo do tempo, várias outras mudanças são perceptíveis na festa de São João Batista.

Uma mudança importante ocorreu no programa da festa. Antes a programação distribuída às pessoas contava com o nome de famílias que de alguma forma faziam parte da história de Martinésia. Os novenários, como são chamados, têm por função doar prendas para o leilão e comparecer e participar da festa. Essa mudança é percebida por José Geraldo Pacheco como prejudicial à festa, pois da forma antiga de programação as pessoas se sentiam mais importantes nela:

Eu acho que mudou muito (...) algumas pessoas ainda prezam, ainda defendem aquela tradição antiga, da festa de São João Batista, de uma maneira das pessoas participarem, onde tinha o leilão, a pessoa fazia, ah, vamos por os novenários: colocava um jovem, um rapaz com uma moça que não tinha nada a ver com ele, ou mesmo que tivesse, às vezes, assim, se namorava colocava os dois ou se não o povo, o João com a Maria de outro setor, então, a Maria se sentia na obrigação de dar uma prenda e o João aquela obrigação de arrematar aquela prenda (...) hoje se coloca, assim, tal dia os novenários são da região tal e as pessoas vão se sentindo menos compromissadas em fazer a doação de uma prenda (...)⁸

Hoje os programas não contam mais com nome de pessoas, mas com regiões, como aponta o depoente. Outra mudança que não agrada a alguns é a realização da festa no final de semana, mesmo que o dia 24 de junho ocorra em dias úteis. Essa mudança, como ocorreu em 2003, não agrada a algumas pessoas, as quais a considera um certo desvio da tradição. Já outras pessoas consideram a mudança benéfica, pois possibilita, talvez, uma maior participação das pessoas, pois sendo realizada no final de semana a maioria das pessoas não trabalham podendo, então, participar da festa.

⁸ Entrevista realizada com José Geraldo Pacheco.

A realização da festa que antes era comandada por um casal de festeiros, hoje é realizada por uma comissão, ou seja, várias pessoas se reúnem para tomar as decisões sobre a festa.

Percebe-se ainda mais como a mesma festa é vivida de formas diferentes, pois se na festa de 2003 uma cela foi arrematada por R\$300,00, na mesma festa se tem crianças catando latas de refrigerante e cerveja, num nítido contraste social num espaço tão pequeno.

Vai se percebendo, então, como historicamente a festa se configura de formas diferentes, em virtude de diferentes razões como, por exemplo, o próprio desenvolvimento, como é o caso da construção do salão, ou até pela interferência dos padres nas decisões sobre as festas, por exemplo, no caso do programa. Isso nos leva a dizer que por mais que algo faça parte da tradição popular não significa que permanecerá imutável ao longo do tempo, pois bem sabemos que a história é um processo, ou seja, a história se transforma e as pessoas também.

Desse modo, a festa de São João é uma tradição no distrito de Martinésia, no entanto, tradição não é transposição, pois se assim o fosse negaria a transformação, a mudança, isto é, dizer que algo é tradição não significa dizer que é algo imutável, mas, pelo contrário, significa que é algo que tem sua própria dinâmica, sua própria forma de se transmitir ao longo das gerações, as quais vão modificando. Então, assim como afirma Thompson, as práticas costumeiras não podem ser analisadas como antiguidades, como resíduos do passado, pois isso seria uma redução dessas práticas, tirando toda a sua dinâmica, ou seja, o sentido da história enquanto processo.

CAPÍTULO II – DIFERENTES FESTAS DE SANTOS REIS

“É uma festa mais popular e cultural.
Faz parte da cultura do povo. Mas a igreja
também celebra os Magos (...)”
Pe Itamar de Almeida

As comemorações de Santos Reis ocorrem no ciclo natalino e vão do dia 25 de dezembro a 06 de janeiro. A origem das Folias de Reis, segundo grande parte dos pesquisadores dessa temática, remonta, provavelmente, à Península Ibérica. Aqui, toma-se o conceito de Folia de Reis usado por Guilherme Porto:

Por Folia de Reis entendo os cortejos de caráter religioso popular, que se realizam em vários estados do Brasil, entre o Natal e a Festa de Reis (6 de janeiro), reproduzindo idealmente a viagem dos Magos a Belém, para adorar o Menino Jesus. (PORTO, 1982, p.13).

Apesar de possuírem características comuns as festas de Santos Reis são marcadas pela multiplicidade, pela diversidade, pois cada festa possui traços muito particulares. Sendo assim, falar das festas de Santos Reis no distrito de Martinésia significa falar de uma festa que possui suas características, as quais se assemelham e se diferenciam de outras folias.

1. A Diversidade dos Festejos de Santos Reis

Guilherme Porto possui um trabalho intitulado *As Folias de Reis no Sul de Minas*. Nele esse autor, como o próprio título já indica, aborda as Folias de Reis em diversas cidades do sul de Minas Gerais, dentre elas: Alfenas, Caxambu, Passos, Três Corações e outras. Nessa obra o autor mostra como essa região estudada rejeita a denominação folia, uma vez que ela dá a idéia de bagunça preferindo, então, a denominação de Companhia de Reis.

No sul de Minas não há um número certo de dias que as Companhias devem sair percorrendo as casas, só aquelas que são mais tradicionais saem do dia 25 de dezembro ao dia 06 de janeiro. A “viagem” das Companhias dura oito, seis ou até mesmo três dias.

Para Guilherme Porto, as Companhias de Reis do sul de Minas possuem três características principais: a) fazem parte do folclore religioso, não só por sua ligação com o Natal, mas também pelas promessas que as envolvem; b) o recolhimento de donativos, os quais servem à realização da festa de encerramento, sendo que as sobras podem ser destinadas a obras sociais; c) e, por fim, a forma como o povo recebe a Companhia, com grande alegria e prontidão em oferecer os donativos, o almoço para os foliões.

A Companhia é composta por três grupos: o Bandeireiro, o grupo dos palhaços e o coro. O Bandeireiro é quem leva a bandeira e tem o dever de apresentá-la ao dono da casa aonde a Companhia chega, é ele também que recebe as doações feitas pela família visitada.

A bandeira é um elemento fundamental das Companhias, Folias de Reis, posto que ela é, como argumenta Guilherme Porto, um “elemento sagrado” (PORTO, 1982, p.19) e as pessoas têm por ela grande respeito, beijando-a e passando-a sobre as camas da casa: (...) “a Bandeira é a representação dos três Reis; por isso explicam os Mestres, ela deve ir sempre à frente, seguida pelos representantes dos pastores que seguiram os Reis Magos”. (PORTO, 1982, p.19).

Os palhaços são, geralmente, dois, uma vez que a Companhia se organiza em duas alas e os palhaços são os responsáveis por puxá-las. Há aqui um elemento que o autor destaca e que consideramos de fundamental importância: a “confusão” que os foliões fazem de passagens bíblicas, o que está muito presente na interpretação dessa figura que é o palhaço: quando esse está sem a máscara é interpretado como os Reis Magos, mas se a está usando é considerado os soldados de Herodes encarregados de matar o Menino Jesus. Há, então, uma confusão entre a passagem bíblica da viagem dos Magos e a passagem da perseguição empreendida pelo Rei Herodes.

Entre as cidades estudadas por Guilherme Porto, só uma não permite palhaços na Companhia, alegando que eles poderiam amedrontar as crianças e também quebrar o sentido religioso da Companhia. Todavia, essa

argumentação não é aceita pelas Companhias das outras cidades, as quais levam os palhaços, que dançam e fazem acrobacias.

O terceiro grupo da Companhia é o coro, o qual é formado por seis pessoas: o Mestre, que em alguns lugares é chamado de Embaixador ou de Capitão, que é o responsável pela organização da Companhia, ou seja, do trajeto, dos horários, dos enfeites e cuja função principal é improvisar os versos cantados; o Contramestre, que é a 2ª voz; o Contrato, que faz dueto com o Contramestre; o Tipe, a 3ª voz; o Contratipe; e o Requinta.

O que o autor chama a atenção é que não há um grande rigor quanto ao número de foliões no sul de Minas, pois o número pode variar de cidade para cidade ou até de Companhia para Companhia.

O número de instrumentos utilizados na Companhia também varia, porém, o que se observa é a presença de alguns instrumentos comuns a todas elas e também a preferência pelo número par de instrumentos a fim de promover a simetria entre as duas alas da Companhia. Eles são enfeitados com fitas coloridas e, geralmente, são usados os instrumentos de corda e percussão, raramente usa-se instrumentos de sopro. Os instrumentos mais utilizados pelas folias são a viola, a sanfona, a caixa e o pandeiro, no entanto, tolera-se instrumentos como o violão, o violino, o cavaquinho e outros.

Os foliões do sul de Minas trajam o que eles chamam de “farda” que é uma roupa característica que emprega, geralmente, três cores, que variam entre o branco, o verde, o azul e o amarelo.

Na sua conclusão Guilherme Porto salienta que para ele o caráter religioso das Companhias de Reis está muito aquém do controle institucional da igreja católica, pois ele se expressa na motivação que leva as pessoas a participarem, quase sempre uma promessa, também na ligação com as comemorações natalinas, uma vez que o presépio é, segundo ele, (...)“o centro da devoção dos foliões” (PORTO, 1982, p.64) e, por fim, na temática das Companhias, ou seja, nos fatos bíblicos. Essa argumentação é bastante válida nessa pesquisa sobre os festejos de Santos Reis em Martinésia, uma vez que,

como esse autor, acreditamos que o sentido religioso dessas festas está muito além de um sentido institucionalizado e corporificado na igreja católica.

O trabalho de Guilherme Porto traz contribuições válidas para pensarmos as Folias de Reis, no entanto, uma de suas argumentações básicas de que elas pertencem ao folclore nos levam a questionamentos. Já na conclusão de seu trabalho ele diz: (...)“no mundo da tecnologia e da cultura importada e imposta através dos meios de comunicação de massa, a preservação de valores culturais, autenticamente nossos, porque brotados da alma da nossa gente.” (PORTO, 1982, 13). Essa argumentação é, a nosso ver complicada, na medida em que tratar de algo como folclore, como essência de um povo, dá a idéia de que isso é imutável, o que sabemos não é, pois a história é um processo, logo, sofre transformações, o que ele até aponta no seu trabalho ao falar da interferência das autoridades policiais no trajeto das Companhias, porém, ele não trabalha essa questão, ou seja, as influências externas às Companhias, como elas modificam ou não as formas de realização dos festejos, o que para nós é fundamental.

Além do trabalho de Guilherme Porto outros foram utilizados como referência nessa pesquisa, dentre eles o trabalho de Zaíde M. de Castro e Aracy de P. Couto que pesquisaram as Folias de Reis no estado do Rio de Janeiro.

Assim como Porto, eles mostram como as comemorações de Santos Reis estão permeadas pelas promessas. No estado pesquisado por eles o caso mais freqüente é que o Mestre faça a promessa, que é, geralmente, de sair durante sete anos. Essas promessas são feitas por motivos diversos como, por exemplo, a cura de doenças, a superação de alguma dificuldade enfrentada e outros.

Castro e Couto salientam no seu trabalho algo que consideramos de fundamental importância ao falarmos da tradição das Folias de Reis. Segundo eles, os foliões são, em sua grande maioria, pessoas que cresceram envolvidas nos rituais das Folias de Reis, tendo seus pais realizado, colaborado ou participado delas. Esse dado é importante ser trabalhado, na

medida em que, como lembra Porto, a tradição da Folia é passada oralmente, o que se deve em muito ao universo familiar. Essas argumentações são muito importantes, tendo em vista que constatamos essa relação entre a família e a tradição da Folia nas comemorações de Reis em Martinésia, como se vê a partir de alguns depoimentos, como, por exemplo, o de Lêda Márcia Pacheco.

Eu nunca na minha vida me lembro que eu faltei em nenhuma das festas, nem de São João nem de Santos Reis, porque eu cresci acostumada a participar, então, eu nunca fiquei sem ir em nenhuma festa.⁹

Outra referência aqui utilizada é a obra de Carlos Rodrigues Brandão, cujo título é *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Esta é uma cidade do estado de Goiás, lá a Folia sai ou “viaja” por sete dias, do dia 31 de dezembro ao dia 06 de janeiro. A viagem deve começar no leste, o Oriente, e terminar a Oeste, que seria Belém. Para os foliões de Mossâmedes algumas situações devem ser evitadas durante a viagem como, por exemplo, evitar cortar o caminho, ou seja, passar duas vezes pelo mesmo lugar. É interessante que há alguns anos atrás em Martinésia também se observava essa restrição, hoje não mais possível.

Algo que esse autor ressalta e que nessa pesquisa também será abordado é a presença, nos festejos de Santos Reis, das dimensões sagrada e profana. Ele observa, por exemplo, que alguns homens bebem e jogam truco ao lado do altar montado, antes da reza do terço. O que se observa nas festas de Martinésia é um pouco diferente, no entanto, permanecendo essa “mistura” das dimensões sagrada e profana.

Por fim, foi utilizada outra referência sobre Folias de Reis, um estudo realizado por Rodrigo Borges de Andrade e Roosevelt José Santos sobre as comemorações de Santos Reis realizadas em Uberlândia. Essa cidade possui uma capela com o nome de Capela Santos Reis, a qual foi fundada no dia 09 de maio de 1986. Essa capela é a sede das mais de 40 Companhias de Folia que fazem parte da Associação de Folias de Reis de Uberlândia, criada em 1985.

⁹ Entrevista realizada com Leda Márcia Pacheco, antiga moradora do distrito de Martinésia, atualmente reside em Uberlândia e frequenta as festas de São João e Santos Reis. Festeira Auxiliar da festa de Santos Reis em 2004. Entrevista realizada no dia 04/02/2004.

A festa realizada nessa capela tem seus traços particulares e um dos que mais chama a atenção é que por serem muitas folias a se apresentar no mesmo dia, essas têm o tempo de 15 minutos apenas para fazer suas cantorias, as quais são a manifestação da devoção e da fé nos santos.

Diferente do que ocorre em alguns lugares, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde um folião disse que o número certo de integrantes da folia deve ser doze (o número de apóstolos de Cristo), na festa da Capela Santos Reis esse número é variado, sendo que algumas folias contam até com a presença de mulheres, algo que não ocorre quase em nenhum lugar do Brasil. Diferente também do que acontece na festa de Martinésia, por exemplo, as Companhias de Uberlândia andam o ano inteiro, menos no período da quaresma, em Martinésia a folia anda durante nove dias e em outras cidades anda 12 dias, no Rio de Janeiro chega a prolongar-se até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

A festa da Capela Santos Reis conta com 04 casais de festeiros, os quais têm a responsabilidade de receber as folias na capela. Os autores constatarem que na festa da Capela Santos Reis há diferentes motivações para a participação nos festejos como, por exemplo, a refeição, a possibilidade de fazer comércio, algo que também ocorre nas festas de Martinésia.

O que se pode observar, então, é que cada lugar possui suas próprias formas, suas normas, valores na realização das comemorações de Santos Reis, no entanto, há alguns elementos que são comuns como, por exemplo, o universo das promessas que está muito presente nas folias de todos os lugares.

2. As Festas de Santos Reis em Martinésia

Falar das festas de Santos Reis implica em falar de suas múltiplas dimensões, ou seja, de todos os preparativos que as envolvem, dos ritos e, o que nesse trabalho é mais importante, dos múltiplos significados que elas têm para os que dela participam.

Então, para que se possa compreender as festas de Santos Reis em Martinésia é pertinente se falas dos diferentes elementos que as compõem: os festeiros, os foliões, aqueles que colaboram, aqueles que recebem a folia em suas casas e os participantes da festa.

2.1. Os Preparativos

Os festeiros são os responsáveis pela organização da festa. A festa, teoricamente, seria feita com as esmolas que a folia arrecada quando sai cantando nas casas. No entanto, o valor arrecadado é pequeno e é o festeiro que acaba arcando com os gastos da festa, mas com a ajuda da comunidade.

Muitos fazendeiros ajudam doando porcos, bezerros, os quais, por muitas vezes serem novos, não são mortos e, então, o festeiro mata seus próprios animais.

Mais ou menos quinze dias antes da realização da festa a comida já começa a ser preparada com a ajuda das pessoas do distrito, da região e também de Uberlândia. Nesses dias que antecedem a festa as pessoas se reúnem para matar vacas, porcos, fazer os doces. Como afirma Lêda M. Pacheco, festeira auxiliar na festa de 2004, (...)“a comunidade se empenha, os festeiros nesses dias, eles só são os donos da casa porque o resto é o pessoal que faz”.¹⁰

2.2. Os Festeiros

As festas de Santos Reis têm um casal de festeiros responsáveis pela festa e um casal de festeiros auxiliares. Os festeiros auxiliares têm como responsabilidade montar o presépio, ornamentar os arcos pelos quais irão passar a folia, ou seja, eles têm a sua importância, porém, não têm a mesma responsabilidade que os festeiros.

Durante os preparativos da festa já começam a ser cogitados os nomes para serem os festeiros do próximo ano, naqueles dias de preparação da festa

¹⁰ Entrevista realizada com Leda Márcia Pacheco.

as pessoas vão conversando, sugerindo nomes, vendo quem quer e quem pode fazê-la.

Alguns dos requisitos para ser festeiro de uma festa de Santos Reis é ter vontade de realizá-la, disponibilidade e recursos financeiros, pois ela implica em custos. Isso é algo interessante, na medida em que pode-se falar aí de uma certa exclusão, pois uma pessoa pode ser muito devota de Santos Reis e querer muito realizar a festa, porém, se ela não dispõe de recursos financeiros para realizá-la fica impedida, tendo em vista que, como já foi dito, o dinheiro arrecadado pelas visitas da folia não é suficiente para a sua realização, pois dela participam não só os moradores do distrito e da região, mas também muitas pessoas de Uberlândia que não têm qualquer tipo de vínculo com o distrito, mas que ficam sabendo da festa e dela vão participar.

2.3. A “Saída” da Folia

A “saída” da folia é realizada na noite de Natal. Ela comemora o nascimento de Jesus. Nessa noite a folia canta e depois “sai”, o que simboliza a viagem dos três Reis Magos à procura do Menino Jesus, guiados pela estrela de Belém.

Segundo a crença local, os três Reis Magos andaram por nove dias procurando a gruta onde estava reclinado o Menino Jesus até que então o encontraram. Por esse motivo a folia anda os nove dias percorrendo as casas do distrito de Martinésia, as fazendas e também algumas casas em Uberlândia, cantando e procurando o Menino Jesus.

Na festa realizada em 2004, a folia percorreu todas as casas do distrito de Martinésia, o que foi motivo de grande alegria para os moradores, pois quando isso não acontece causa descontentamento entre eles. Há algumas pessoas que não permitem que a folia cante por motivos emocionais como, por exemplo, a perda de um familiar que gostava muito da cantoria da folia, o que não impede que ela faça sua doação e mais, mesmo se uma pessoa não pode colaborar com a folia esta canta se for esse o desejo dos donos da casa.

Para as pessoas devotas de Santos Reis receber a sua bandeira tem um significado muito especial, como salienta Carmeli Alves da Silva, que mora em Uberlândia, mas sempre recebe a folia em sua casa:

*A bandeira de Santos Reis entrar na minha casa para mim é o simbolismo de Cristo estar passeando, dando um passeizinho na minha casa, na minha família, porque naquele momento eu não deixo de não pedir para eles que eles abençoe meu lar, abençoe minha família(...)*¹¹

É importante lembrar aqui como que muitas dessas crenças como, por exemplo, a duração da viagem dos três reis, faz parte da tradição, ou seja, não é algo bíblico. No entanto, a Igreja também celebra os Magos, como aponta Pe Itamar de Almeida em sua fala:

*(...)a igreja também celebra os Magos (...) quer dizer, a igreja tem a festa também, é na Epifania do Senhor, na manifestação do Senhor a todos os povos e a todas as gentes. (...) Então, quando a igreja celebra ao Epifania do Senhor ela está celebrando os Magos, porque na Bíblia não se fala em reis, se fala na pessoa dos Magos, depois com o decorrer do tempo, devido eles terem feito as ofertas, aquele negócio todo, então foi colocado no lugar, foi acrescentado rei, então se tornou os Reis Magos, mas biblicamente falando são só os Magos que vieram os Oriente representando essa universalidade do povo de Deus. É uma simbologia do povo, você pode ver que cada um é de uma cor, eles não são todos da mesma raça, então, simbolizam essa universalidade.*¹²

É notório, então, como o povo vai, ao longo do tempo, construindo suas próprias formas de celebrar e interpretar a sua devoção tomando uma passagem bíblica, mas dando a ela uma conotação muito particular. Isso aparece na fala do Pe Itamar quando perguntado se os Magos se tornaram santos, como o povo os chama:

Biblicamente falando a gente reconhece muito mais como esse momento de Epifania do que a celebração do santo. (...). Não quer dizer que não tiveram os santos, igual o pessoal questiona muito a igreja: São Jorge não é da igreja? São Jorge é da igreja sim, mas o pessoal construiu em volta dele mitos, porque era assim, quando queria se fazer um santo, o santo tinha muitos devotos e tinha que apresentar aqueles milagres que ele realizou, é, e, às vezes, a canonização era feitas, e o próprio povo, os próprios grupos, pra mostrar que o santo deles era mais forte ia criando uma mitologia em volta dele, quer dizer, a gente vê a mitologia do São Jorge, desde quando ele está na lua? Então o povo vai criando aquilo em volta do santo pra mostrar que o santo dele é muito importante, que o santo dele fazia e acontecia. São

¹¹ Entrevista realizada com Carmeli Alves da Silva, moradora da cidade de Uberlândia e freqüentadora das festas de Santos Reis em Martinésia, no dia 15/01/2004.

¹² Entrevista realizada com Pe Itamar de Almeida.

*Cristóvão, desde quando ele carregou o Menino Jesus? Então, é mais nesse sentido de mitologia que eles vão criando em volta dos santos, o próprio povo (...)que vai colocando todo um aparato em volta dos negócios(...).*¹³

Pode-se dizer, então, que o próprio povo cria, como já dito, as suas formas de entender algo que está na Bíblia de uma forma muito independente da igreja enquanto uma instituição que teria a “autoridade” para interpretar a Bíblia e ditar as normas. Mas o povo nem sempre se submete a essa interpretação e cria suas próprias maneiras de festejar suas crenças.

Cabe aqui lembrar o estudo de Castro e Couto quando eles argumentam que alguns detalhes que mesmo não estando na Bíblia acabam fazendo parte daquele acontecimento que é a visita dos Magos ao Menino Jesus, como ocorre, por exemplo, com a crença de que um boi presente no estábulo aqueceu, com seu bafo, o Menino Jesus. É interessante também que na Bíblia da Editora Ave-Maria o 1º versículo do Capítulo 2 do livro de Mateus diz assim: “Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, P.1285). Esse versículo possui uma nota de rodapé com os seguintes dizeres: “Magos: a tradição popular diz que foram reis. Não o sabemos, porém. Deveriam ser sábios, astrônomos ou astrólogos” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, P.1285). É interessante como a própria Bíblia já coloca na nota essa interpretação que o povo faz do fato, porém, sem considerá-la legítima, pois está escrito: “Não o sabemos”.

Aqui, cabe ressaltar, então, que o sentido religioso dessa festa não está na participação efetiva da igreja nela, mas, sim, na relação dessa festa com as comemorações natalinas, na devoção dos fiéis e também nas várias promessas que se circunscrevem a ela.

¹³ Entrevista realizada com Pe Itamar de Almeida.

2.4. O Dia da Festa

As festas de Santos Reis, geralmente, eram realizadas na fazenda dos festeiros, porém, por volta do final da década de 1980 e início da década de 1990 isso começou a mudar e as festas passaram a ser realizadas no distrito.

Primeiro eram montadas tendas de lona, chamadas de toldas, com bancos de madeira ao redor. Posteriormente, com a construção do ginásio poliesportivo elas passaram a ser realizadas nele. A festeira auxiliar de 2004, Lêda, ao ser perguntada sobre porque a festa teria sido realizada em Martinésia, mesmo os preparativos tendo sido feitos na fazenda dos festeiros, ela respondeu:

Por causa do local que é mais fácil, se fosse na fazenda, (...) apesar de ser estrada boa, não é uma coisa, assim, muito adequada, espaço pros carros, então, assim, Martinésia, por exemplo, é tudo asfalto, não tem estrada de terra, não tem barro, então é por causa da facilidade mesmo do acesso, por isso que foi lá.¹⁴

Na festa realizada em 2004, por volta das 18 horas do dia três de janeiro, a folia começou a cantar na casa do Senhor Eleotério, casa na qual a bandeira foi deixada depois de nove dias de andança. Lá a folia canta e depois sai em direção ao presépio montado no interior do ginásio. (Ver figura 07)



Figura 07 – A folia sai em direção ao presépio
Autor: Hélio Carlos Miranda de Oliveira
Data: 03/01/2004

A folia vai cantando e pára no primeiro arco. Nesse arco ela encontra com os festeiros e é nele que é feita a cantoria mais demorada e também é

¹⁴ Entrevista realizada com Leda Márcia Pacheco.

onde uma mulher recebe de joelhos a bandeira de Santos Reis, pois ela tinha uma promessa de recebê-la no primeiro arco, aí os foliões a mandaram rezar e estava cumprido o voto.

Depois os foliões se dirigem ao segundo arco e lá eles cantam. Esse arco se localiza na escada do ginásio. Após cantar por um curto tempo eles se dirigem ao terceiro e último arco que se localiza na entrada do ginásio. Aí eles param e continuam cantando e depois seguem a “viagem” até o presépio onde está o Menino Jesus e aí eles ainda cantam por algum tempo, nesse momento a folia saúda tudo o que está reclinado no presépio montado: o Menino Jesus, Nossa Senhora, São José, os Reis Magos, os animais como, por exemplo, a vaca, o galo. (Ver figura 08)



Figura 08 – Chegada da folia ao presépio
Autor: Hélio Carlos Miranda de Oliveira
Data: 03/01/2004

Após esse ritual é servida a comida e, logo após, os doces. As pessoas formam filas muito grandes para se servirem e o lugar onde são servidas é feito com uma estrutura de madeira composta de uma grande mesa onde ficam as vasilhas com a comida e de colunas que facilitam a organização das filas. (Ver figura 09).



Figura 09 – A comida sendo servida
Autor: Hélio Carlos Miranda de Oliveira
Data: 03/01/2004

A comida servida é quase todos os tempos composta pelas mesmas coisas: arroz, feijão, almôndega, macarrão com frango, tomate. Os doces também são praticamente os mesmos: mamão, leite e outros

Depois de servidos os doces inicia-se a reza do terço, o qual é seguido pela passagem da coroa aos festeiros do próximo ano. Só depois é que se inicia o baile.

2.5. A Folia

À frente da folia vai o alferes, ou seja, aquele que carrega a bandeira de Santos Reis, na qual está estampada a cena do Menino Jesus reclinado na manjedoura tendo ao redor sua mãe, Maria e São José, o pai adotivo de Jesus, os três Reis Magos, além de alguns animais, como o galo e o burro. A bandeira vai sempre enfeitada com flores e papéis coloridos. Muitas vezes, nela são presas com alfinetes fotos de pessoas e notas de dinheiro.

Atrás da bandeira vão os foliões em duas filas cantando e tocando seus instrumentos, os quais são o violão, a viola, o pandeiro, a sanfona, a caixa. A folia tem sempre o Capitão que é aquele que comanda a cantoria, ele é quem improvisa os versos cantados, uma vez que as canções não são preconcebidas, mas improvisadas pelo Capitão, o que demanda por parte dos

integrantes da folia um grande conhecimento da história do nascimento de Jesus, o que não significa que não haja falhas, pois, às vezes o Capitão canta algo e os músicos responsáveis pela resposta não estão muito atentos, logo, acabam dando resposta diferente. Muitas vezes, acontece algumas mudanças nas palavras para que possa surgir a rima e também acontecem incoerências nas letras como, por exemplo, orvalho às cinco horas da tarde.

Após o encontro com os festeiros que esperam a bandeira e a folia no primeiro arco¹⁵, quem vai à frente é o casal de festeiros e o casal de festeiros auxiliares, seguidos pela bandeira e logo atrás a folia.

É também importante dizer que a folia não é composta todos os anos pelas mesmas pessoas, algumas se repetem, outras não. É responsabilidade do festeiro encontrar o Capitão, o qual tem a incumbência de encontrar os outros componentes da folia que gira em torno de nove pessoas, o capitão, o alferes, as cinco vozes de resposta, um tocador de caixa e outro de sanfona. No entanto, esse número não é fixo, podendo variar de ano para ano.

3. Os Múltiplos Significados da Festa

É importante aqui lembrar como que muitas vezes as pessoas participam das festas de Santos Reis desde criança e não se preocupam tanto com todos os significados daqueles ritos. Isso aparece de uma forma muito significativa na fala de Lêda quando perguntada sobre o porquê dos três arcos: “Muita coisa você cresce vendo aquilo, então, fica muito aquilo que você já acostumou e você nem preocupa em saber o significado”¹⁶. É interessante, então, como que, muitas vezes, as pessoas têm uma devoção tão grande que os sentidos que cada parte do ritual tem se torna algo insignificante perante o significado maior que a festa tem para ela.

É também significativo o fato de que, às vezes, há pessoas que mesmo participando da festa pelo sentido religioso que ela tem, essas pessoas não têm uma ligação forte com a igreja, com os seus rituais:

¹⁵ Os três arcos pelos quais passam a folia significa, na tradição popular, os três Reis Magos: Baltazar, Belchior e Gaspar.

¹⁶ Entrevista realizada com Leda Márcia Pacheco.

Eu vou te falar, eu por mim, às vezes você vai dizer que isso é errado, também acho que é, mas isso aí veio, veio assim ao longo da minha vida que, desde pequeno eu tenho uma fascinação pela festa de Santos reis, quando via chegar uma folia de Santos Reis tinha aquela adoração, aquela devoção, depois queria sair acompanhando a folia nas casas dos vizinhos (...). então, eu tenho, assim, mesmo que uma adoração e uma grande fé por Santos Reis, e, te confesso, assim, que é até um erro, uma falha minha, mas não tenho essa mesma busca, por exemplo, pra ta indo pra igreja, pra uma missa.(...) eu gosto de ta participando, mas com essa relação, assim, principalmente à missa, lá com o padre e a festa de Santos Reis, eu te confesso que fui mais ligado e fiquei mais ligado, desde criança, na festa de Santos Reis¹⁷.

Nessa fala, aparece claro o relacionamento que muitas vezes as pessoas têm com a festa, ou seja, elas têm fé naqueles santos, fazem promessas, participam pela tradição, pelo costume adquirido desde a infância e não têm a mesma relação de proximidade com a igreja, apesar da festa ter uma conotação religiosa.

Segundo Roosevelt José Santos,

Uma das características fundamentais da festa de Santos Reis no distrito de Martinésia, em Uberlândia, MG, é a capacidade que têm os seus organizadores em criar momentos de religiosidade, do lúdico e do profano. Apesar dos vários momentos em que a festa se divide, é possível estabelecer mesclas de rituais. A festa permite que as pessoas estabeleçam suas opções de participação nos festejos e, de certa forma, ao modo dos participantes, é possível transgredir alguns rituais. (SANTOS, 2003, p.2)

A partir dessa argumentação, podemos ressaltar algo que para nós é fundamental: a proximidade e a convivência, nas festas de Santos Reis em Martinésia, das dimensões sagrada e profana. Que a festa tem um caráter religioso muito forte é sabido, no entanto, a existência de dimensões profanas se misturando a elas é marcante e merece ser aqui lembrado.

É interessante como que no mesmo momento em que a folia está cantando diante do presépio, o bar, que funciona bem próximo a ele está muito movimentado, com as pessoas consumindo refrigerantes e cervejas (Ver Figura 10). Até os próprios foliões após cantarem para colocar a bandeira no altar já estão com latas de cerveja nas mãos.

¹⁷ Entrevista realizada com José Geraldo Pacheco.



Figura 10 – Bar na parte interna do ginásio
Autor: Hélio Carlos Miranda de Oliveira
Data: 03/01/2004

Em nosso entender tal constatação nos leva a dizer que, por mais que a festa tenha um caráter religioso esse não exclui o sentido de diversão que ela também carrega. Cabe ressaltar aqui que algumas pessoas só vão à festa por esse caráter de diversão que ela tem, algo apontado na fala do jovem Leandro Rezende Naves: “Eu costumo ir na festa pelo fato de rever os amigos, porque a comida é boa também, tem o baile pro pessoal se distrair lá no final (...)”. Ao ser perguntado se ele assiste a folia, ele respondeu: “Isso pra mim não me interessa, eu prefiro badalação”¹⁸.

Para outros, no entanto, como para Carmeli a festa tem importância tanto por seu caráter religioso quanto de um momento de descontração. Ao ser perguntada sobre o que a motivava a ir à festa, se era pelo caráter religioso ou pelo sentido de descontração, ela respondeu:

*É tudo, é tudo porque quando chega uma folia de reis na minha casa eu fico muito feliz, sabe, eu me sinto feliz, me sinto honrada de receber uma folia de reis na minha casa. Então, a gente vai porque gosta, vai porque a gente não deixa de ter fé, de acreditar, a tradição.*¹⁹

É importante dizer que enquanto a folia canta percorrendo os três arcos até chegar no presépio, a princípio a maioria das pessoas já presentes

¹⁸ Entrevista realizada com Leandro Rezende Naves, 21 anos, morador da cidade de Uberlândia e freqüentador das festas de Santos Reis no distrito de Martinésia, no dia 15/01/2004.

¹⁹ Entrevista realizada com Carmeli Alves da Silva.

acompanham, entretanto, como a cantoria é demorada as pessoas vão se dispersando, muitas fazem rodas de amigos e vão conversar.

Muitas pessoas também vão à festa como uma oportunidade de rever os amigos e conhecidos que há muito não encontram, tendo em vista que participam da festa, tanto moradores do distrito, como os antigos moradores e também pessoas que se deslocam de Uberlândia, muitos são curiosos, pois ouvem falar da festa e vão conhecê-la e acabam por criar o hábito de sempre participar.

Algo que chamou a atenção na festa de 2004 foi que a vestimenta trajada por aqueles que colaboravam na festa, eram camisetas silcadas com os dizeres:

**Martinésia
Festa dos Santos Reis
Rubens e Alda
2004**

O curioso é que nas costas estava estampada a marca de uma grande loja de produtos eletrônicos de Uberlândia, o que nos leva a dizer que os comerciantes reconhecem a grande participação que a festa tem, vendo nela uma oportunidade de obtenção de lucros, um lugar de fazer publicidade visando esse objetivo. Até os aventais das pessoas que ajudam na cozinha também são silcados com o nome de uma loja de tecidos de Uberlândia, a qual forneceu os aventais.

Algo relevante a ser dito é que espacialmente a festa se configura de forma diferente com o passar do tempo. Se antes as festas eram realizadas nas fazendas, geralmente na propriedade dos festeiros, com a construção do ginásio de Martinésia algumas passaram a ser realizadas nele. No entanto, mesmo quando ele já havia sido construído ocorreram festas em que se construiu a tradicional tenda de lona rodeada por bancos de madeira. Essa mudança dá à festa um tom de “modernidade”, pois excluiu dela alguns elementos que a caracterizava como essencialmente rural, a presença da tenda, por exemplo.

Até o pouso da folia se modificou ao longo do tempo, se antes todos dormiam na mesma casa, ou no máximo nos vizinhos próximos àquela casa marcada para pouso, em virtude da dificuldade de arrumar camas para todos, sendo que o alferes e o capitão nunca podiam dormir longe da bandeira e dos instrumentos, hoje, não existe mais isso: (...)“tá tudo moderno, então, hoje só deixa a bandeira e os instrumentos”²⁰. E também se antes a folia não podia cruzar o caminho que percorria, ou seja, se passava em determinado lugar não podia voltar a ele, hoje, no entanto, como a folia anda de carro os caminhos se cruzam, algo antes não permitido.

Assim como a festa de São João, a festa de Santos Reis faz parte da tradição do distrito de Martinésia. Muitos encaram essa festa como algo que pertence ao folclore, no entanto, não consideramos dessa forma e, para tanto, tomamos as argumentações de Thompson que mostra como as tradições são analisadas pelos folcloristas como antiguidades, como algo que remonta ao passado, algo exótico.

É, então, importante lembrar o momento em que os estudos folclóricos tiveram início no Brasil, o que é muito significativo, pois foi nas décadas de 1950 e 1960 que a cultura popular passa a ser muito valorizada pelos intelectuais como sendo o lugar em que residia a verdadeira essência do que é ser brasileiro, ou seja, esses estudos têm uma clara intenção de promover uma interpretação dessa cultura, a fim de construir uma imagem do brasileiro.

Então, não consideramos as festas de Santos Reis como fazendo parte do folclore, mas, sim, como parte integrante da cultura daquelas pessoas, como afirma Maria Clara T. Machado “Nas festas populares os espectadores não as assistem, eles as vivem, elas existem para o povo e todos dela participam intensamente” (MACHADO, 2003, p.34). Elas são, desse modo, uma tradição dinâmica, na medida em que se transforma ao longo do tempo, mas sem perder o significado e a importância para os que delas participam.

²⁰ Entrevista realizada com Valdemar Giroto, morador da cidade de Uberlândia. Alferes da folia de Santos Reis em 2004. Entrevista realizada no dia 25/03/2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas religiosas de São João e Santos Reis têm no distrito de Martinésia um significado que ultrapassa o sentido da religião propriamente dita. Isso pode parecer contraditório, no entanto, a festa de São João, por exemplo, se remete a uma historicidade local, ou seja, com ela as pessoas se ligam ao local, fazendo a simbiose de suas experiências pessoais e da religião. A devoção a São João Batista está intimamente ligada à história de Martinésia, posto que estando presente desde sua origem foi reelaborada pelos moradores, tendo em vista suas diferentes formas de se realizar ao longo do tempo.

As festas aqui em questão se constituem em ocasiões de encontro e reencontro entre antigos e atuais moradores, ampliando o sentido delas como mero momento de fé. A dimensão religiosa dessas festas é inegável, pois em torno delas há uma gama de promessas, de rituais sagrados como, por exemplo, a missa, a reza do terço, os cantos que são marcados pelo sagrado. Todavia, há diferentes motivações para a participação nessas festas que não apenas a dimensão sagrada, na medida em que elas são freqüentadas por diferentes sujeitos que têm ou não um vínculo direto com o distrito de Martinésia. Não se pode negar, então, a presença do sagrado mesclando-se ao profano como, por exemplo, a ingestão de bebidas alcoólicas, as danças, momentos esses que para alguns são a motivação única de participação nessas festas.

As festas de São João e Santos Reis apesar de serem tradição no distrito de Martinésia não se mantiveram imutáveis, pelo contrário, foram sendo reelaboradas ao longo do processo histórico, mediante interferências externas ou mesmo em virtude da sua dinâmica interna. Nesse sentido, é forte o caráter popular dessas festas, posto que, principalmente a festa de Santos Reis, permite aos devotos uma interpretação mais direta e efetiva deles, a fim de construírem seu próprio entendimento sobre ela. Já a festa de São João Batista está mais ligada à igreja católica, o que não exclui dela esse caráter popular, muito presente no universo das promessas e no batismo na fogueira.

Desse modo, é pertinente que novos trabalhos sejam realizados no sentido de se aprofundar as questões aqui levantadas, pois não se tem a ilusão de que aqui foram respondidas todas as indagações possíveis sobre as festas de São João e Santos Reis no distrito de Martinésia. No entanto, esse pode ser um ponto de partida para esses estudos, uma vez que é muito pequeno o número de trabalhos produzidos sobre esse distrito como um todo, o que de certa forma dificultou a realização dessa pesquisa, mas que jamais a tornou inviável dentro dos limites possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, R. B. & SANTOS, R. J. Apropriações e reinvenções do sagrado e do profano: um estudo da festa de Santos Reis na Capela Santos Reis na cidade de Uberlândia-MG. In: *II Simpósio Regional de Geografia: Perspectivas para o cerrado mineiro*. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia, 26 a 29 de novembro de 2003.

BARBOSA, M. E. J. Os famintos do Ceará. In: FENELON, D. R. et alli (orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, maio/2004.

BRANDÃO, C. R. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e Cultura – FUNARTE. Série Cadernos de Folclore, 1977.

CASTRO, Z. M. & COUTO, A. P. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e Cultura – FUNARTE. Série Cadernos de Folclore, 1977.

CLEPS, G. D. G. A lógica social do consumo: os novos padrões e valores culturais. In: *I Simpósio Regional de Geografia – Geografia: Aplicações e Perspectivas*. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia, 25 a 29 de Novembro de 2002, p.185-186.

FEATHERSTONE, M. Culturas da cidade e estilos de vida pós-modernos, Cultura de consumo e desordem global. In: *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p.135-177.

FENELON, D. R. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? IN: *História e Perspectivas*. Uberlândia, nº6, Jan/Jun 1992, p. 5-23.

FERREIRA, W. R. *O espaço público nas áreas centrais – um estudo de caso em Uberlândia, MG*. 2002. 327f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia. São Paulo, 2001.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-179.

MACHADO, M. C. T. Folia de Reis: Liturgia do Povo recriando o Mistério da Vida. In: MACHADO, M. C. T & PATRIOTA, R. (orgs) *Histórias e Historiografias – Perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: EDUFU, 2003, p.33-54.

PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1982, p.13.

SAMUEL, R. Documentação – História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, nº19, set89/fev90, p.219-243.

SANTOS, R. J. A cultura dos festejos da folia de Santos Reis no distrito de Martinésia – Município de Uberlândia-MG. In: *Anais... (CD-Rom)* Historical Dimensions of the Relationship Between Space and Culture. Internacional Geographical Union. Rio de Janeiro, 2003, p.01-23.

SILVEIRA, I. Dia 24 – S. João Batista. In: *A Vida dos Santos na Liturgia – Leitura para Reflexão*. Petrópolis, Editora Vozes, 1982, p.86-87.

THOMPSON, E. P. Introdução: Costume e Cultura. In: *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. O Termo Ausente: Experiência. In: *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p.180-201.

VELLOSO, M. P. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991, p. 122-143.

VIEIRA, S. M. *Folia de Reis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

FONTES UTILIZADAS

1. FONTES IMPRESSAS

Prefeitura Municipal de Uberlândia

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. *Distrito de Martinésia*. 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO. *BDI – 2002 (Banco de Dados Integrados de Uberlândia)*, 2002.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO DOS DISTRITOS. *Censo Habitacional e Populacional*, 2002.

Arquivo Público Municipal

Martinésia (Histórico), 2p.

Lei nº935 de 27 de Setembro de 1926

Periódicos

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Martinésia recebe da ACAR Centro Comunitário*. Ano XXXIV, 13 de outubro de 1970.

Bíblia

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave-Maria, 131ª ed, 1999.

2. INTERNET

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, Secretaria de Planejamento. *Mapa de Distritos*. Plano Diretor – 1991-2006. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/ecompany/SilverStream/Pages/fsHome2_intra.html Arquivo Capturado em: 09/06/2003.

3. FONTES ORAIS

Luzia Alves Borges, supervisora da escola do distrito de Martinésia. Moradora do distrito desde seu nascimento. Entrevista realizada em 08 de Junho de 2003.

Rosangela Rastrelo e Silva, 45 anos, do lar. Foi moradora do distrito até o ano de 1975. Entrevista realizada em 07 de Agosto de 2003.

Teresa Biasi Rastrelo, 89 anos, aposentada. Foi moradora do distrito de 1934 até por volta do início da década de 1990. Já foi festeira da festa de Santos Reis. Entrevista realizada em 14 de Agosto de 2003.

José Geraldo Pacheco, 49 anos, morador da zona rural do distrito de Martinésia, já foi festeiro das festas de São João e Santos Reis. Entrevista realizada em 12 de Outubro de 2003.

Sarita de Oliveira Pacheco, 14 anos, estudante, moradora da zona rural. Entrevista realizada em 12 de Outubro de 2003.

Laís Arantes de Oliveira Pacheco, 15 anos, estudante. Moradora da zona rural e estudante em Uberlândia. Entrevista realizada em 12 de Outubro de 2003.

Carmeli Alves da Silva, anos, manicure. Moradora da cidade de Uberlândia e freqüentadora das festas de Santos Reis em Martinésia. Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2004.

Leandro Rezende Naves, 21 anos, vendedor. Morador da cidade de Uberlândia e freqüentador das festas de São João e Santos Reis em Martinésia. Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2004.

Itamar de Almeida, padre. Pároco da Paróquia São Judas Tadeu da cidade de Uberlândia. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2004.

Lêda Márcia Pacheco, 50 anos. Antiga moradora do distrito de Martinésia, atualmente reside em Uberlândia e freqüenta as festas de São João e Santos Reis. Festeira Auxiliar da festa de Santos Reis em 2004. Entrevista realizada em 04 de Fevereiro de 2004.

Valdemar Giroto, aposentado. Morador da cidade de Uberlândia. Alferes da folia de Santos Reis em 2004. Entrevista realizada em 25 de Março de 2004.

ANEXO

Anexo A

LEI nº 935 DE 27 DE SETEMBRO DE 1926

"O povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou, e eu, em seu nome, sancionei a seguinte lei:

Art.7 - O Distrito de Martinópolis, no município de Uberabinha terá as seguintes divisas:

Começa na barra do córrego do Mateiro, em divisa com o distrito da cidade, até a mais alta cabeceira do dito córrego do Mateiro; deste ponto segue em rumo reto ao marco de Pedra com as iniciais O.F. existentes a margem esquerda da estrada de automóveis, que da cidade de Uberabinha vae à Martinópolis, local em que se cravará outro marco de pedra; deste segue pela estrada afóra em divisa com o mesmo distrito da cidade até o entrocamento da estrada que vae para o Cruzeiro dos Peixotos, onde se colocará outro marco de pedra; deste marco segue em linha reta a uma queda d'agua (itambé) pouco abaixo da casa de Antonio José de Freitas, vulgo Antonio Generoso, no correjo denominado Paranan, abaixo até a sua confluência com o Rio das Velhas; deste ponto, dividindo com o município de Araguary, desce o rio das Velhas até sua junção com o rio Uberabinha; deste ponto, dividindo com o município de Tupaciguara, sobe o rio Uberabinha até o ponto em que termina aquelle município; dahi, continuando a subir o rio Uberabinha, dividindo com o districto da séde do município, segue até a barra do córrego do Mateiro, onde teve início a divisa.

Art.8 - Revogam-se as disposições em contrário. - Manda portanto, a todas às autoridades a quem o conhecimento desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir inteiramente como nella se contém.

Os secretários de Estado dos Negocios do Interior e Finanças, a façam imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, aos 27 de Setembro de 1.926....

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada
Francisco Luiz da Silva Campos
Gudesteu de Sá Pires".